

Organizadores(as)

Janailton Mick Vitor da Silva
Letícia Coroa do Couto
Caio Marcello Mota Polito

COLETÂNEA NEWSGEDIS:

a sigla LGBTQIA+ que virou livreto

The logo consists of the letters 'L', 'G', 'B', 'T', 'Q', 'I', 'A' in various colors (purple, blue, green, yellow, orange, grey) and a red plus sign to the right. The letters are bold and blocky.

Amanda Luzia da Silva • André L. S. Barbosa • Gustavo Luiz Sandri
Jéssica Lima • Juliana Parente Matias • Kelly de Oliveira Santos
Micheli S. N. Gonçalves • Patrícia S. S. Melo • Raissa Abreu
Vanessa Carrião • Vinicius Mota

EDITORA



LGBTQIA+

COLETÂNEA NEWSGEDIS:
a sigla LGBTQIA+ que virou livreto

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

EDITORA IFB

REITORA

Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Rosa Amélia Pereira da Silva

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Diene Ellen Tavares Silva

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Simone Braz Ferreira Gontijo

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Cláudia Sabino Fernandes

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

CONSELHO EDITORIAL

Bruno Oliveira Tardin

Daniel Cerqueira Costa

Debora Kono Taketa Moreira

Demétrius Alves de França

Eduardo Camargo de Siqueira

Érika Barretto Fernandes Cruvinel

Gervásio Barbosa Soares Neto

Iva Fernandes da Silva Medeiros de Jesus

Jocênio Marquios Epaminondas

Lara Batista Botelho

Leonardo Moreira Leódido

Lucilene Alves Vitória dos Santos

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

Mariela do Nascimento Carvalho

Maurílio Tiradentes Dutra

Nicolau de Oliveira Araujo

Ricardo Faustino Teles

Rute Nogueira de Moraes Bicalho

Sônia Carvalho Leme Moura Veras

Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos

Venâncio Francisco de Souza Júnior

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Daniele dos Santos Rosa

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Jefferson Sampaio de Moura

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Núbia Christiane Sampaio Teixeira

REVISÃO TEXTUAL

Certifique-se Soluções Acadêmicas LTDA

C694 Coletânea NEWSGEDIS [recurso eletrônico]: a sigla LGBTQIA+ que virou livreto/ Autores(as) Organizadores(as) Janailton Mick Vitor da Silva, Leticia Coroa do Couto, Caio Marcello Mota Polito. Brasília: Editora IFB, 2024.
1 arquivo texto ([60 p.]): PDF; il. color.; 7.3 MB.

Disponível em formato PDF.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-6074-010-5.
Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb>

1. Minorias sexuais e de gênero. 2. Homossexualidade feminina. 3. Homossexualidade masculina. 4. Bissexualidade. 5. Pessoas transgênero. 6. Performatividade de gênero. 7. Pessoas intersexuais. 8. Assexualidade. 9. Educação e direitos humanos. 10. Violência de gênero. 11. Sexismo. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Campus Ceilândia. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. II. Silva, Janailton Mick Vitor da, org. III. Couto, Leticia Coroa do, org. IV. Polito, Caio Marcello Mota, org. V. Título.

CDU: 159.923

Elaborado pela bibliotecária Lara Batista Carneiro Botelho CRB1/2434

EDITORA



REITORIA - Setor de Autarquias Sul
Qd 2, Bloco E - Edifício Siderbrás
CEP 70.070-020 | Asa Sul - Brasília/DF

www.ifb.edu.br

+55 (61) 2103-2110

editora@ifb.edu.br

2024 Editora IFB



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores.
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora IFB.
É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.



SINOPSE

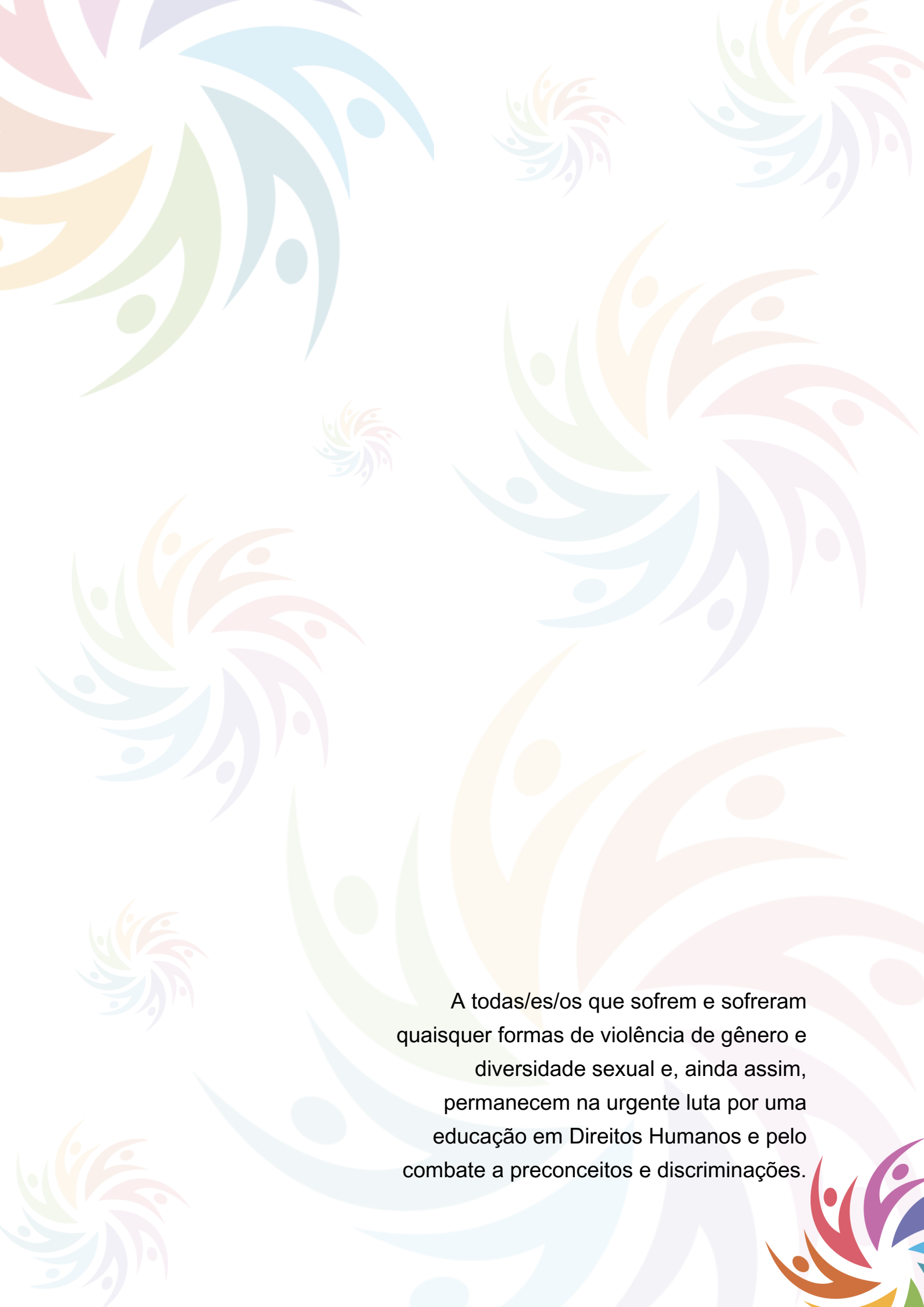
Você já deve ter visto e/ou ouvido falar na sigla LGBTQIA+, certo? Já se perguntou o que significa e por que esta sigla não para de crescer? Pois bem, esta é a pergunta que acompanha o desenvolvimento deste livreto, o qual é uma proposta do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), do Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Ceilândia (CCEI). Este trabalho foi desenvolvido com base em nove (9) publicações feitas ao longo dos anos de 2021 e 2022, no formato de folhetim.

Nos capítulos 1 a 8, definimos cada um dos elementos da sigla LGBTQIA+ e, em alguns deles, fazemos inserções específicas, apresentando datas comemorativas, filmes que discorrem sobre a temática, personalidades que se destacam na área, projetos desenvolvidos sobre o tema, entre outras questões. No capítulo 9, tecemos considerações finais, celebrando o aniversário do NUGEDIS, apresentando campanhas de conscientização para combate ao câncer de mama e próstata, projetos da temática de gênero, filmes, uma introdução à linguagem inclusiva, entre outras contribuições.

A proposta deste livreto é, assim, a continuação da didatização e popularização de conhecimentos acerca de gênero e sexualidade dentro do IFB, iniciadas por meio de estudos feitos ao longo dos últimos dois anos pelo Núcleo. Agradecemos, de antemão, a leitura e apreciação deste livreto, ao mesmo tempo em que esperamos que ele continue reforçando o caráter educativo e político do NUGEDIS por uma educação em Direitos Humanos dentro de urgentes lutas contra preconceitos e discriminações.

* No desenvolvimento do conteúdo deste Livreto, algumas personalidades públicas são mencionadas e há a reprodução de suas imagens. Essa apropriação teve por objetivo tornar a exposição do conteúdo ainda mais atual e didática, já que todos os citados já se manifestaram publicamente a favor de ações para a realização plena dos Direitos Humanos.





A todas/es/os que sofrem e sofreram
quaisquer formas de violência de gênero e
diversidade sexual e, ainda assim,
permanecem na urgente luta por uma
educação em Direitos Humanos e pelo
combate a preconceitos e discriminações.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 6

CAPÍTULO 1: L DE LÉSBICA | 8

- 1.1 Definição | 9
- 1.2 Dia da visibilidade lésbica | 10
- 1.3 A diversidade ganhou medalhas | 10
- 1.4 Lei Maria da Penha completa 15 anos | 11

CAPÍTULO 2: G DE GAY | 12

- 2.1 Definição | 13
- 2.2 Lorca: la valiente alegría | 13
- 2.3 Viver em liberdade | 14
- 2.4 Alegria é a prova dos nove | 15

CAPÍTULO 3: B DE BISSEXUAL | 16

- 3.1 Definição | 17
- 3.2 “Nunca me quitarán de olvidarte”: Frida Kahlo | 18
- 3.3 Camila: um cheiro de Pitanga | 19

CAPÍTULO 4: T DE TRANSEXUAL | 20

- 4.1 Definição | 21
- 4.2 O grau zero de Liniker | 22
- 4.3 Dia da visibilidade Trans | 23
- 4.4 NUGEDIS indica

CAPÍTULO 5: Q DE QUEER | 24

- 5.1 Definição | 25
- 5.2 Judith Butler: por uma coalizão emergente | 25
- 5.3 Violência contra a mulher | 26
- 5.4 Canais de denúncia | 27



5.5 Resultados de pesquisa feita com alunas/os do EMI |27

CAPÍTULO 6: I DE INTERSEXO |29

6.1 Definição |30

6.2 Projeto Petúnia |31

6.3 Ciência & Intersexualidade |32

6.4 NUGEDIS indica |34

CAPÍTULO 7: A DE ASSEXUAL |35

7.1 Definição |36

7.2 Para entender esta orientação sexual |37

CAPÍTULO 8: O SÍMBOLO "+" |38

8.1 Definição |39

8.2 Corpos Suicidados: ressignificando o setembro amarelo |39

CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO |43

9.1 Comemorações do 1º aniversário do NUGEDIS - IFB Ceilândia |43

9.2 O NUGEDIS descobriu |44

9.3 Dia da Consciência Negra |45

9.4 Dicas de como usar a linguagem Inclusiva |46

9.5 Outubro Rosa |47

9.6 Novembro Azul |48

REFERÊNCIAS |50

MINIBIOGRAFIAS DAS AUTORAS E DOS AUTORES | 54





Você já deve ter visto e/ou ouvido falar na sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais) certo? Já se perguntou o que significa e por que esta sigla não para de crescer? Pois bem, esta é a pergunta que acompanha o desenvolvimento deste livreto. Mas, antes de respondê-la, é importante saber a origem deste material.

O livreto é uma proposta do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), do Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Ceilândia (CCEI). O NUGEDIS está oficialmente institucionalizado pela Resolução n. 35¹, que entrou em vigor em 20 de novembro de 2023, junto com a institucionalização de outro importante núcleo da instituição, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). A publicação deste material foi viabilizada neste formato pelo apoio da Pró-Reitora de Pesquisa e Inovação do IFB, via aprovação no edital² n. 03/2023.

Este livreto foi desenvolvido com base em nove publicações feitas, ao longo de 2021 e 2022, no formato de folhetim, e divulgadas entre discentes, docentes, servidores/as e comunidade externa ao IFB, via e-mail e no Instagram do Núcleo (@nugediscei). Você vai observar que os capítulos foram escritos a várias mãos, apresentando vozes de múltiplas autoras e autores, inclusive contribuições de pessoas externas ao Núcleo.

Os capítulos 1 a 8 definem cada um dos elementos da sigla LGBTQIA+. Em alguns deles, fazemos inserções específicas, apresentando datas comemorativas, filmes que discorrem sobre a temática, personalidades que se destacam na área, projetos desenvolvidos sobre o tema, entre outras questões. No capítulo 9, tecemos considerações finais, celebrando o aniversário do NUGEDIS, apresentando campanhas de conscientização para combate ao câncer de mama e próstata, projetos da temática de gênero, filmes, uma introdução à linguagem inclusiva, entre outras contribuições.

¹ Resolução do IFB que normaliza o NUGEDIS. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/33357/RESOLU%C3%87%C3%83O%2035-2023%20-%20CS-RIFB-IFBRASILIA.pdf>

² Edital do IFB para seleção de projetos que receberão apoio financeiro (Apoio a publicação de livretos). Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/33858/Edital%20PRPI%2003-2023%20-%20Apoio%20a%20Publica%C3%A7%C3%A3o%20de%20Livretos%202023.pdf>



A proposta deste livreto é a continuação da didatização e popularização de conhecimentos acerca de gênero e sexualidade dentro do campus e, agora, fora dele, iniciadas por meio de pesquisas e estudos feitos, ao longo dos últimos dois anos, por membras/os do Núcleo. Devido à natureza dos folhetins e em equivalência às publicações originais anteriores, abordaremos especificamente a sigla LGBTQIA+. O conhecimento aqui compartilhado não acaba com o último capítulo, especialmente dada a natureza da própria sigla LGBTQIA+, que não para de crescer e, hoje, também pode ser estendida para incluir outros indivíduos que não se sentem contemplados na sigla anterior (ex.: pansexuais).

Uma outra motivação para a escrita deste material advém de um ranking do Brasil, certamente vergonhoso, em âmbito mundial. Mais uma vez, o país é palco de medalhas, mas, agora, não de atletas vencedores de Olimpíadas ou Jogos de Copa do Mundo. O Brasil é palco do ranking dos países que mais matam pessoas trans e travestis no mundo. Congratulações? Palmas? Certamente não!

Segundo Bruna Benevides, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, no Dossiê “Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022”, o Brasil teve “pelo menos 151 pessoas trans mortas, sendo 131 casos de assassinatos e 20 pessoas trans suicidadas.” (Benevides, 2023, p. 6). O país, vergonhosamente, permanece, pelo 14º ano consecutivo, nessa lista. Benevides reitera que existe uma política estatal de subnotificação da violência LGBTIfóbica, isto é, os estados e as instituições permanecem na insistência de não levantar dados verídicos que representem a realidade da violência contra a população LGBTQIA+, em especial dos crimes que culminam em assassinatos, conforme depreendemos dos números mencionados. Há, ainda, uma assombrosa contradição em relação ao ódio apregoado a este grupo, já que o Brasil é o país que mais consome pornografia trans nas plataformas digitais de conteúdo adulto.

Faz-se, então, extremamente relevante e urgente a instauração de projetos políticos focados na manutenção dos Direitos Humanos e no combate às variadas formas de preconceito e discriminação motivados por gênero e sexualidade. Nesse sentido, esperamos que este livreto continue, tal como os folhetins produzidos anteriormente pelo Núcleo, a reforçar o caráter educativo e político do NUGEDIS por uma educação em Direitos Humanos, ao mesmo tempo em que se mantém na urgente luta contra preconceitos e discriminações. Convidamos você a conhecer um pouco do nosso trabalho e se juntar a nós nessa luta. Vamos lá?

A organizadora e os organizadores.



Lésbica Lésbica
Lésbica Lésbica
Lésbica LÉSBIKA
LÉSBIKA Lésbica
Lésbica Lésbica
Lésbica LÉSBIKA
LÉSBIKA Lésbica
Lésbica

LÉSBIKA

CAPÍTULO 1: L DE LÉSBICA

Amanda Silva, Gustavo Sandri, Janailton Silva, Jéssica Lima, Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto, Patrícia Santiago e Vanessa Carrião

1.1 Definição

Esta história começa na década de 1970, quando, no interior do Movimento Gay, o termo “lésbica” aparecia com certo desconforto. Alguns ativistas defendiam que a palavra “gay” poderia ser utilizada para ambos: homens e mulheres. A inserção de “lésbicas” no nome do movimento só foi aderida, sob forte pressão, após picharem o prédio de Los Angeles, na frente do letreiro que levava o nome do Movimento Gay: “& Lesbian”. Assim, o termo lésbica passou a ser utilizado com muita ênfase, marcando a importância dessa distinção.

Enquanto homens homossexuais tinham que lidar com a violência e repressão como resposta à expressão de sua sexualidade, as mulheres sequer entravam no horizonte de existência, eram sumariamente excluídas, recalcadas, ostracizadas: mulheres homossexuais “não existiam”.

A reafirmação do termo lésbica era, sim, a marca de uma diferença, mas, sobretudo, a reafirmação de uma identidade que, até então, não fazia parte do cenário das lutas pelos direitos do Movimento Gay, que, hoje, felizmente, já se configura no horizonte maior e mais diverso de outras identidades, conforme a sigla LGBTQIA+, que vemos aqui. Começar este livreto pelo L já é, portanto, uma forma de deslocar-se do protagonismo masculino, que acreditava ser neutro o suficiente para integrar todas as formas de expressão de gênero e de sexualidade.

Na canção Desenho de Giz, Ellen Oléria pergunta: "Cantar, mas me digam pra quem". A sonhadora de voz forte e potente nos responde com outra pergunta: "Se não for por amor?" (Oléria, 2013, n.p.). O recado da artista é eloquente: é preciso viver o amor, suas dores, suas feridas, e vivê-lo é muito mais do que um traço efêmero na areia ou um desenho de giz. É uma cicatriz, uma marca de permanência.

Ellen é um exemplo de quem vive o amor e suas consequências; é um orgulho para o movimento negro e para comunidade lésbica ter uma representante como ela. “Cria” de Ceilândia, Ellen tem um currículo que dispensa apresentações: é cantora, compositora, atriz e musicista. Em entrevista à Na Telinha, da UOL, a cantora, vencedora da 1ª edição do The Voice, afirma:



CAPÍTULO 1: L DE LÉSBICA

Minha lesbianidade e principalmente minha negritude são elementares para minha constituição enquanto ser humano. Ser lésbica é compreender o poder que existe na união de duas mulheres. Somos uma potência de afeto e revolução de amor num mundo destruído pelo poder bélico dos homens. E nós seguimos nos amando. (Oléria, 2020, n.p.).

Sobre a questão de ser negra, a cantora complementa:

Ser negra é comprovar o poderio da minha linhagem que sobreviveu e sobrevive a um dos maiores genocídios da história da humanidade e seguimos sendo o fundamento da festa e da celebração à vida em toda a afrodiáspora. Somos o blues e o jazz, o samba e os afoxés, a salsa e o mambo. Perfeição? Riqueza? Lesbianidade e negritude são associações imediatas. Fato. (Oléria, 2020, n.p.).

Certamente, Oléria segue sendo dona de um talento ímpar.

1.2 Dia da visibilidade lésbica

Celebrada em 29 de agosto, a data foi escolhida em razão do 1º Seminário Nacional de Lésbicas, que aconteceu em 1996, no Rio de Janeiro. É um dia dedicado a discutir políticas públicas de combate à lesbofobia e dar visibilidade à comunidade lésbica no Brasil.

1.3 A diversidade ganhou medalhas³

Sempre gostei de assistir às olimpíadas. Desde pequena, uma das minhas paixões era o atletismo. Ficava o dia todo acompanhando e torcendo por atletas das mais diferentes feições e países. Vibrava quando eles superavam seus limites, saltavam ainda mais alto, corriam como se fossem guepardos. Era emocionante torcer por todos, sofrer com seus fracassos, me emocionar com o sorriso e os abraços fraternos.



CAPÍTULO 1: L DE LÉSBICA

Nas minhas aspirações infantis, as olimpíadas sempre foram um momento de viver o melhor de nós. Evidentemente, depois eu cresci e soube que nem sempre foi assim: casos de racismo, homofobia e xenofobia eram recorrentes. A gente chega a engolir seco ao ouvir o testemunho de Daiane do Santos, de que havia atletas que se recusavam a usar o mesmo banheiro que ela. Mas é verdade que o “nosso melhor” tem sido um pouco melhor nessa edição de Tóquio. Foi um evento que nos proporcionou muitas alegrias, fez a gente perceber que podemos almejar e lutar por uma versão mais bonita do mundo e das pessoas. Essas olimpíadas consolidaram-se como um marco na luta contra o preconceito e um verdadeiro espetáculo sobre a diversidade. Nunca vimos tantos atletas assumirem-se como LGBTQIA+ publicamente! Um time vencedor: 11 ouros, 12 pratas e 9 bronzes. Se Diversidade fosse um país, seria o 7º colocado.

Bem, a bandeira nós já temos.

1.4 Lei Maria da Penha completa 15 anos

A Lei n. 11.340 foi criada para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher (Brasil, 2006). Foi sancionada no dia 7 de agosto de 2006 e ficou conhecida como "Lei Maria da Penha". O nome é uma homenagem a esta mulher batalhadora e corajosa que, após sofrer violência doméstica, decidiu denunciar o marido. Lutemos e celebremos!



³ Depoimento de uma das autoras do capítulo (Amanda Silva) em relação aos XXXII Jogos Olímpicos de Tóquio (Japão).





GAY

CAPÍTULO 2: G DE GAY

Amanda Silva, Gustavo Sandri, Janailton Silva, Jéssica Lima, Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto, Patrícia Santiago e Vanessa Carrião

2.1 Definição

A palavra “gay” tem apresentado, ao longo da história, diferentes significados. Na língua inglesa, a versão dicionarizada mostra que já foi muito utilizada no sentido de “feliz, jovial, alegre”. Depois, passou a ser empregada como um hiperônimo para se referir àqueles indivíduos que se relacionavam com outros do mesmo gênero. Mais recentemente, passou a designar homens que se relacionam emocional, afetiva, romântica e sexualmente com outros homens, no afã de evitar, por exemplo, a invisibilidade da lesbianidade e da bissexualidade, que ocorria por causa da generalização feita por essa palavra (conforme vimos no capítulo 1).

Nos Estados Unidos da América, um evento que levou ao movimento moderno de libertação gay e à luta pelos direitos Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero (LGBT) no país e no mundo foi a Rebelião de Stonewall, uma série de manifestações de membros da comunidade LGBT contra uma invasão da polícia de Nova York, que aconteceu em 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn. Eventos sociais, como a Parada LGBTQ+ (outros nomes anteriores utilizados foram ‘parada gay’, ‘Parada GLBT’, ‘Parada LGBT’), têm sido feitos no mundo todo como forma de ações afirmativas para a comunidade, servindo, também, como manifestações contra a homofobia, transfobia e bifobia e reivindicação de direitos iguais (a exemplo do casamento entre pessoas do mesmo sexo e leis contra discriminação feita a LGBTQs). No Brasil, a 1ª edição do evento em São Paulo aconteceu em 1997, e, em 2021, deu-se de forma online devido às condições impostas pela pandemia da covid-19.

2.2 Lorca: *la valiente alegría*

Em 1935, Federico García Lorca (1898-1936), grande poeta e dramaturgo espanhol, escreveu um poema sobre um toureiro, Sanches Mejías, que havia morrido na arena. No lirismo de Lorca, o touro, símbolo de força, desconhece a valentia do oponente. É curioso pensar como ele transforma Sanches em uma alma ausente, desconhecida, porque já não se fala de sua elegância e intrepidez.



CAPÍTULO 2: G DE GAY

Federico García Lorca era gay, em um momento em que defender o próprio desejo era crime. Lorca era um homem valente, cuja coragem nunca foi percebida por seus algozes, porém, foi brutalmente assassinado durante a Guerra Civil Espanhola pelo exército do General Franco. O poeta se tornou uma alma ausente, mas seu canto continua a ecoar em lágrimas e em alegria:

Porque morreste para sempre,
como todos os mortos da Terra,
como todos os mortos esquecidos
num montão de cães exterminados.

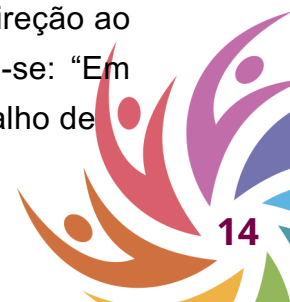
Ninguém mais te conhece. Mas eu te canto.
Eu canto para breve teu perfil, tua graça.
A madurez insigne do teu pensamento.
Tua apetência de morte e o gosto de sua boca.
A tristeza que sentiu tua intrépida alegria. (Lorca, 2009, p. 14).

2.3 Viver em liberdade

Ao te pedir para citar o nome de alguém LGBTQIA+ cujo trabalho você admira, conseguimos apostar que, provavelmente, seria um nome ligado às artes — escritores, cantores, dançarinos, atores etc., certo?

Matemático, cientista da computação, lógico, criptoanalista, filósofo e biólogo, o britânico Alan Turing (1912-1954) é um nome que acrescenta diversidade nessa lista de pessoas com feitos fascinantes. Turing estudou matemática e criptografia em Princeton, local em que obteve seu Doctor of Philosophy (PhD). Dentre seus diversos trabalhos (vale a pena pesquisá-los!), ele desenvolveu uma máquina capaz de decifrar o “Enigma”, código utilizado pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial.

Seria uma história incrível, apenas com maravilhas a serem comemoradas não fossem fatos que merecem ser recordados para que não sejam repetidos. Em 1952, na Inglaterra, a homossexualidade era proibida e, por esse motivo, Turing foi condenado, tendo como punição a castração química. Mas caminhamos em direção ao respeito e, em 2009, o primeiro-ministro britânico Gordon Brown desculpou-se: “Em nome do governo britânico e de todos que vivem em liberdade graças ao trabalho de



CAPÍTULO 2: G DE GAY

Alan, eu orgulhosamente digo: Perdão, você merecia algo muito melhor”. (Saturno, 2018, n.p.).

Turing é símbolo da celebração da presença de pessoas LGBTQIA+ em todas as áreas do conhecimento. O filme “O jogo da imitação” é uma dica para conhecer mais sobre esse grande cientista.

2.4 Alegria é a prova dos nove

Quem nunca chorou de rir ou riu chorando com Paulo Gustavo? Este grande poeta do riso nos deixou no dia 04 de maio de 2021, mas a sua alegria foi eternizada no trabalho de cena do ator. Paulo Gustavo levou a sério o riso e acreditou em seu poder transformador.

Hoje, continuamos aqui, rindo, porque a gente aprendeu com ele que rir é um ato de resistência. Em um vídeo gravado pelo humorista no final de 2020, no especial de fim de ano do Multishow, o artista afirmou, conforme lembrado em matéria da Nathalia Fonseca da Cable News Network (CNN) Brasil (2021), que: “Enquanto essa vacina tão esperada não chega pra todo mundo, é bom lembrar que, contra o preconceito, a intolerância, a mentira, a tristeza, já existe vacina: é o afeto, é o amor”. (Gustavo, 2021, n.p.).





BISSEXUAL

CAPÍTULO 3: B DE BISSEXUAL

Amanda Silva, Janailton Silva, Jéssica Lima, Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto e Vanessa Carrião

3.1 Definição

Atente-se bem: B não é de biscoiteiro! Uma pessoa bissexual é aquela que se relaciona emocional, romântica e sexualmente com mulheres e com homens. De acordo com algumas pessoas bissexuais, é provável que mude, ao longo da vida, o grau e os modos pelos quais elas são atraídas por pessoas de diferentes gêneros.

Infelizmente, a noção de bissexualidade tem levantado muitos mitos e preconceitos que, conforme Sharon Sumpter e Amanda Udis-Ressler (2022), podem ser listados como:

- 1) a bissexualidade não existe, pois as pessoas bissexuais estão confusas;
- 2) as pessoas que se consideram bissexuais são heterossexuais que, na verdade, estão vivendo uma fase;
- 3) as pessoas bissexuais são homossexuais e/ou lésbicas que não se aceitam totalmente;
- 4) os bissexuais são imorais, superficiais ou hedonistas;
- 5) a bissexualidade significa ter parceiros de diferentes gêneros ao mesmo tempo;
- 6) os bissexuais são poligâmicos, infiéis e incapazes de ter um relacionamento sério;
- 7) as pessoas bissexuais espalham doenças sexualmente transmissíveis;
- 8) os bissexuais são traidores da causa gay e lésbica e se passam como heterossexuais para evitar problemas e ter privilégios;
- 9) as mulheres bissexuais deixam suas parceiras lésbicas por causa de homens;
- 10) os bissexuais têm o melhor dos dois mundos ou o dobro de chances de um encontro;
- 11) as pessoas bissexuais são infelizes ou incompletas e buscam por uma felicidade aparentemente impossível de ser alcançada.



CAPÍTULO 3: B DE BISSEXUAL

É preciso, portanto, haver um movimento para desconstrução desses mitos. É importante que famílias, amigos/as e a sociedade se unam para reconhecer e celebrar a bissexualidade, bem como a história, a comunidade, a cultura e a vida das pessoas bissexuais. Juntos/as, é primordial que, em prol da construção de uma sociedade mais justa e verdadeiramente respeitosa dos direitos humanos, tal como nas demais orientações sexuais, eduquemo-nos sobre as experiências de pessoas bissexuais, suas questões e preocupações.

3.2 “*Nunca me quitarán de olvidarte*”: Frida Kahlo

Às vezes o cinema nos brinda com imagens cheias de sutilezas. No caso de Frida, filme de Julie Taymor (2002), a sutileza cede lugar a uma espécie de segredo, de chave de leitura cifrada na presença de Chavela Vargas – uma cantora de grande importância para os movimentos de contracultura mexicana –, que, no filme, interpreta a canção Llorona. Na cena em questão, há um encontro entre Frida (Salma Hayek) e Chavela: a cantora se dirige à pintora em forma de lamento:⁴“Yo soy como el chile verde, llorona/Me quitarán de quererte, llorona/ Pero de olvidarte nunca”. (FRIDA, 2002, n.p.).

Diego Rivera e Frida Kahlo são um dos casais mais conhecidos da História da Arte. As brigas e amores entre os dois artistas aparecem eternizados nos autorretratos de Frida. Mas a pintora também se relacionou afetivamente com mulheres, entre as quais Chavela, que, no filme, volta a encarar esse grande amor que se perdeu no passado, mas que nunca foi capaz de esquecer. Em 1999, durante os eventos da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), três pessoas bissexuais estadunidenses, Gigi Raven Wilbur, Michael Page e Wendy Curry, deram início a um movimento de celebração da bissexualidade. Desde então, no dia 23 de setembro, comemora-se o Dia da Visibilidade Bissexual.

A comunidade bissexual vive, quer ser vista, lembrada e respeitada!

⁴ Eu sou como a pimenta verde, chorona/ Me impediram de te querer/, chorona/ Mas, de te esquecer nunca.



CAPÍTULO 3: B DE BISSEXUAL

3.3 Camila: um cheiro de Pitanga

Muito mais do que um rostinho bonito, Camila Pitanga sempre cativou o público por sua atuação brilhante. Corajosa e firme, não teve problemas em se assumir bissexual, conforme vemos em sua autodeclaração no Twitter:

Figura 1 - Camila Pitanga



Disponível em: <https://twitter.com/CamilaPitanga/status/1445784416500862984>.
Acesso em: 18 abr. 2023.



Transsexual Transsexual

TRANSEXUAL



CAPÍTULO 4: T DE TRANSEXUAL

Amanda Silva, Janailton Silva, Jéssica Lima,
Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto e
Vanessa Carrião

4.1 Definição

Você sabia que o Brasil é um dos países menos tolerantes do mundo quando o assunto está relacionado a pessoas trans? Elas sofrem preconceito e violência em casa, na escola, no mercado de trabalho, na sociedade como um todo. Como abordamos na apresentação deste livreto, o país, vergonhosamente, permanece, pelo 14º ano consecutivo, na lista de países que mais matam pessoas trans e travestis. (Benevides, 2023).

Logo, talvez seja importante colocar a pergunta: o que é a transgeneridade? Vamos conversar sobre esse assunto? Afinal, o melhor remédio para o preconceito e a discriminação é a informação.

Em nossa cultura, quando chegamos a este mundo, atribuímos às crianças um gênero e identidade com base na anatomia corporal. No entanto, algumas pessoas passam a não se identificar com as categorias que lhes foram atribuídas. Dentro desse universo, encontram-se homens trans, mulheres trans e travestis.

No Manual de Comunicação LGBTI, Reis (2018, p. 30-31) define os termos da seguinte maneira:

- Transgênero: terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros.
- Transexual: pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento.
- Mulher trans: mulher trans é a pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer.
- Homem trans: homem trans é a pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer.
- Travesti: uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade.



CAPÍTULO 4: T DE TRANSEXUAL

Transexuais e travestis sempre estiveram expostas aos preconceitos e discriminações existentes no Brasil, o que se traduz no crime de transfobia. Isso se motiva pela razão desta população ostentar uma identidade de gênero diversa de padrões biológicos e de suas imposições na cultura, em que macho é homem e fêmea é mulher, e qualquer coisa que fuja dessa norma é encarada como estranha e errada.

Este cenário fortalece a exclusão social e gera vulnerabilidade, fragilização e precariedade dos vínculos sociais de pessoas trans, o que se traduz muitas vezes em violência e assassinatos brutais, como ocorreu com Dandara, Roberta e outras tantas vítimas desse sistema de exclusão social e discriminação.

Apesar de todo esse processo excludente, as pessoas trans continuam lutando por direitos básicos, pedindo direito à vida, à cidadania, à integração ao mercado de trabalho formal para terem as oportunidades que, muitas vezes, lhes são negadas. Lutam também por acesso à educação e às instituições afetivas, incluindo família.

Para além de tudo isso, lutam para ter o direito a uma vida digna permeada de afeto e amor. São pessoas que enfrentam, com muita coragem, as barreiras sociais, e entendemos isso como um ato de resistência.

Às vezes parece clichê repetir que o Brasil necessita de políticas públicas específicas que garantam os direitos a pessoas trans, assim como se faz urgente uma reforma no sistema educacional, para que a sociedade tenha contato com essa discussão de forma lúcida e real, sobrepondo os mitos e tabus que nos carregam de ódio, preconceito e violência. Ser trans é também aprender a amar-se, a valorizar-se e a encontrar as potências guardadas em nosso corpo. É momento de aprender com as pessoas trans a sermos pessoas melhores.

4.2 O grau zero de Liniker

Liniker Barros é uma senhorita que nasceu para cantar. Nascida em Araraquara/SP, percebeu desde muito cedo que queria ser cantora. Sua voz é potente e suas canções são um convite à reflexão. Quando alguém ouve pela primeira vez “Zero”, um de seus sucessos com a Banda Caramelows, logo percebe que Liniker veio a este mundo para brilhar.

Mesmo após declarar-se como mulher trans, Liniker sempre gostou de ressaltar que não se sente limitada a papéis de gêneros, por isso, não faltam momentos em que não cabe em sua pessoa o mundo dual do “ele x ela”. É um talento a se celebrar e,



CAPÍTULO 4: T DE TRANSEXUAL

para quem ainda não a conhece, está vacilando, pois é uma maravilha.

Em 2017, em uma parceria com Johnny Hooker, Liniker lançou Flutua, um verdadeiro hino sobre resistência, amor e diversidade:

Eles não vão vencer
baby, nada há de ser em vão
antes dessa noite acabar
baby, dance comigo a nossa canção
e flutua, flutua
ninguém vai poder querer nos dizer como amar. (Hooker; Liniker, 2017, n.p.).

4.3 Dia da visibilidade Trans

No dia 29 de janeiro de 2002, um grupo de ativistas trans veio a Brasília denunciar as violências que sofrem em nosso país. O dia se tornou um marco de valorização e visibilidade de pessoas trans e um dia de luta contra a transfobia.

4.4 NUGEDIS indica

Laerte é uma lenda viva dos quadrinhos brasileiros. Muito ativa em suas redes sociais, ela faz questão de criticar a desigualdade social, cobrar justiça, defender a educação e debater temas relevantes à comunidade LGBTQIA+, tudo isso sem perder o bom humor. “Laerte-se” (2017) é um documentário da Netflix que conta a história de Laerte Coutinho, cartunista e chargista brasileira, considerada uma das artistas mais importantes dessa área no Brasil. Dirigido por Lygia Barbosa e Eliane Brum, “Laerte-se” retrata a trajetória da cartunista, que, tendo vivido parte de sua vida como homem, autodeclara-se transexual aos 57 anos. Desde então, Laerte vive uma jornada única e pessoal sobre o que é ser uma mulher. Segundo o crítico Luiz Santiago, o documentário explora bem o silêncio e as crises existenciais da Laerte, em meio a uma trilha sonora bem peculiar, retratando o percurso de transformação, a força, a fraqueza e a honestidade da cartunista, considerada uma das mais proeminentes do gênero no Brasil.





QUEER

CAPÍTULO 5: Q DE QUEER

Amanda Silva, Janailton Silva, Jéssica Lima,
Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto e
Vanessa Carrião

5.1 Definição

Se há uma letra que levanta dúvidas e causa confusões na sigla LGBTQIA+ é a letra Q. No Brasil, é pouco comum encontrarmos pessoas que se identifiquem como queer, o que talvez seja um efeito no processo de construção dessa identidade de gênero, pois sua história tem meandros e caminhos espinhosos.

A definição dicionarizada de “queer”, como mostra o American Heritage (2012), está carregada de preconceitos: Queer é um “desvio da norma do que é esperado”, “estranho”, “não convencional” e foi muito utilizada como forma de ofensa a membros da comunidade LGBT.

No entanto, assim como ocorreu com palavras como “travesti”, conforme definimos no capítulo 4, atualmente, o termo queer tem sido ressignificado e utilizado por pessoas que não se enquadram em nenhuma identidade ou expressão de gênero, como afirma Jaqueline de Jesus (2012).

Para essas pessoas, os termos “lésbica”, “gay” e “bissexual” são entendidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência que a sexualidade possibilita. Além disso, ao ser incorporada na sigla LGBTQIA+, a letra Q pode, às vezes, ser entendida como “questioning”, isto é, “questionamento” de gêneros. (Glaad, 2023).

O sentimento envolto ao termo revela, sobremaneira, um caminho para questionar ideias sobre gênero impostas pela sociedade. Esse é um dos aspectos mais interessantes da letra Q: a possibilidade de questionar rótulos e de se reapropriar de palavras, usadas no passado de forma pejorativa, e assumi-las como forma de expressão e transgressão a normas.

5.2 Judith Butler: por uma coalizão emergente

Nascida em 1956, nos Estados Unidos, Judith Butler aparece como um dos nomes mais destacados da Teoria Queer. Na década de 1990, esta filósofa de origem judaica desestruturou as bases dos debates de gênero e sexualidade com a publicação de seu livro “Problemas de gênero”, em 1990.



CAPÍTULO 5: Q DE QUEER

No livro, ela colocava às leitoras e aos leitores perguntas muito elementares: se o feminismo tem como princípio uma ação política de luta e defesa de mulheres na busca de uma sociedade mais igualitária, qual é a definição que devemos dar a esse sujeito “mulher”? De quais mulheres estamos falando quando se trata da luta feminista? É preciso entender que mulheres brancas e cis não compartilham o tempo todo dos mesmos interesses de mulheres negras ou mulheres trans. Mesmo entre mulheres, não é possível fechar os olhos para relações de opressão. É possível pensar em uma unidade de ação política que confronte as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em sua generalidade sem apagar as diferentes experiências subjetivas? Butler defende que é preciso que lutemos juntas! Mas, no seu diagnóstico, a única forma de nos unirmos é reconhecendo a precariedade dessa unidade e seu aspecto fragmentário.

Seu trabalho teórico dentro do feminismo abriu caminhos para aprofundar os debates de gênero e sexualidade em outros segmentos, fortalecendo os aspectos sociais e econômicos destas lutas.

Insistir a priori no objetivo de 'unidade' da coalizão supõe que a solidariedade, qualquer que seja o seu preço, é um pré-requisito da ação política. Mas que espécie de política exige esse tipo de busca prévia da unidade? Talvez o entendimento dialógico também encerre em partes a aceitação de divergências, rupturas, dissensões e fragmentações, como parcela do processo frequentemente tortuoso de democratização. (Butler, 2018, p. 40).

5.3 Violência contra a mulher

Quando pensamos nos direitos das mulheres, em especial no direito a uma vida livre de violência, facilmente nos lembramos das comemorações do dia 08 de março — Dia Internacional da Mulher ou da Lei Maria da Penha.

Mas, você sabia que dia 10 de outubro é o Dia Nacional de Luta contra a Violência à Mulher? Essa data foi instituída após a ocupação, em 1980, das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em protesto ao aumento dos crimes de violência contra as mulheres.

Já em 1991, foi iniciada a campanha internacional “16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres”. Ela tem início dia 25 de novembro, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, e vai até 10 de dezembro, Dia Internacional



CAPÍTULO 5: Q DE QUEER

dos Direitos Humanos. Durante esse período são realizadas discussões, palestras e outras intervenções sobre o tema.

5.4 Canais de denúncia

Há alguns canais de denúncia no Distrito Federal, conforme compartilhado abaixo:

- Secretaria da Mulher (para atendimento e orientações): (61) 9 9415-0635.
- Polícia Civil (para denúncias): 197 ou (61) 9 8626- 1197.
- Polícia Civil (delegacia virtual): <https://www.pcdf.df.gov.br/servicos/delegacia-eletronica/violencia-domestica-contramulher>.
<https://www.pcdf.df.gov.br/servicos/delegacia-eletronica>.
- Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual, ou Contra a Pessoa Idosa, ou por Deficiência (DECRIN).
- Polícia Cível do Distrito Federal (PC/DF): decrin-saaei@pcdf.df.gov.br.
- Disque Direitos Humanos: 180.
- Polícia Militar: 190.
- Centro de Referência de Assistência Social/ Centro de Referência da Assistência Social (CREAS /CRAS): 156.
- O Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) também oferece diversos canais de atendimento, a saber:
 - Canais do Disque 100: Ligação gratuita, basta discar 100.
 - WhatsApp (61) 99611-0100.
 - Site da Ouvidoria: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh>.
 - Videochamada em Libras: <https://atendelibras.mdh.gov.br/aceso>.

5.5 Resultados de pesquisa feita com alunas/os do EMI

Em julho de 2021, foi realizada uma pesquisa com estudantes do Ensino Médio Integrado aos Cursos de Eletrônica e Segurança do Trabalho, do Campus Ceilândia, sobre a temática da violência contra as meninas e mulheres. Houve 307 respondentes: 135 alunas e 172 alunos. Alguns dados alarmantes são apresentados a seguir.

Entre as alunas:

- 55% já sofreram algum tipo de violência (verbal; tapas, chutes ou empurrões, ameaças com armas; espancamento; ofensa sexual; estupro);



CAPÍTULO 5: Q DE QUEER

- 88% já ouviram cantadas ou comentários desrespeitosos;
- 85,3% acreditam que a violência contra as meninas e mulheres aumentou em 2020.

Entre os alunos:

- 75% conhecem alguma menina ou mulher que já sofreu algum tipo de violência (verbal; tapas, chutes ou empurrões; ameaças com armas; espancamento; ofensa sexual);
- 54,8% conhecem alguma menina ou mulher que já ouviu cantadas ou comentários desrespeitosos;
- 59% acreditam que a violência contra as meninas e mulheres aumentou no último ano.

Os autores dos atos de violência mais mencionados, tanto entre as meninas quanto entre os meninos, foram: cônjuges/companheiros/namorados.

Os lugares da ocorrência de atos de violência mais mencionados pelas meninas e pelos meninos foram: casa, rua, transporte público e internet.



INTERSEXO

CAPÍTULO 6: I DE INTERSEXO

Amanda Silva, Janailton Silva, Jéssica Lima,
Juliana Parente, Kaiser Schwarcz, Kelly Santos,
Letícia Couto e Vanessa Carrião

6.1 Definição

Se nossa jornada pela sigla LGBTQIA+ percorreu, até aqui, apenas letras que representassem diferentes orientações sexuais ou identidades de gênero, o “I” tem uma posição singular. É frequente ouvirmos argumentos segundo os quais ser lésbica, gay, bi, trans ou queer é uma questão de “opção”, ou pelo menos que não seria algo influenciado pela biologia. De fato, nestes casos, a existência ou não de influência biológica é um tema disputado, ora defendido, ora combatido, tanto por progressistas quanto por conservadores. Entretanto, para as pessoas intersexo, não existe dúvida: o componente biológico é central à discussão.

Aprendemos na escola que sexo biológico é determinado geneticamente de uma forma bem simples: XX é fêmea e XY é macho. Essa visão arraigada e determinista não é verdadeira nem do ponto de vista dos cromossomos que influenciam a determinação sexual, nem em seu pressuposto de que existam apenas dois sexos biológicos na espécie humana. Pessoas intersexo não se encaixam em nenhum dos extremos do espectro binário tradicional. Nelas, os órgãos sexuais, internos e externos, não possuem anatomia ou fisiologia típica do masculino e feminino tradicionais.

Essas pessoas foram simultaneamente fetichizadas e oprimidas, pois, obrigadas a “escolher” entre ser homem ou ser mulher, foram submetidas ao escrutínio clínico e intervenções cirúrgicas violentas que colocavam suas vidas em risco. Tal realidade, infelizmente, ainda perdura para a maior parte dessa população. Ainda que a ortodoxia da literatura científica e da prática médica tratem esses casos como aberrações a serem corrigidas, há um movimento crescente pelo direito à existência intersexo. A entrada do “I” na sigla é uma conquista que dá esperança àqueles que defendem que essas pessoas tenham o direito a uma vida social digna ainda que decidam permanecer na fronteira entre os gêneros. Ah, e não devemos esquecer que o termo “hermafrodita” já está desatualizado por seu caráter depreciativo (Reis, 2018).



CAPÍTULO 6: I DE INTERSEXO

6.2 Projeto Petúnia⁵

Quantas escritoras você conhece? Quantas você já leu? Esse número costuma ser baixo e por isso o Projeto Petúnia busca a valorização de escritoras de diferentes contextos sociais, raças, etnias e estilos literários. Nosso interesse é aumentar o alcance dessas obras e promover a igualdade de gênero no mundo literário.

O projeto tem discutido sobre obras de autoras contemporâneas e clássicas, livros ambientados em Brasília (*Apague a luz se for chorar*) e em um cenário de frio Europeu (*Frankenstein*), além de histórias adaptadas para o cinema (*A vida invisível de Eurídice Gusmão*). Escritoras nigerianas (*As alegrias da maternidade* e *Hibisco Roxo*) e brasileiras (*Quarto de Despejo* e *Olhos d'Água*) trouxeram muitas emoções para os debates. Tivemos o prazer de conversar com duas autoras – Fabiane Guimarães e Maria Valéria Rezende – que contaram sobre os seus processos de escrita e publicação, e com a professora Gina Vieira Ponte (@professoraginarieira), a respeito do Projeto Mulheres Inspiradoras.⁶

A professora Gina Vieira Ponte se apresenta como “Professora da Educação Básica”, “Autora do Projeto Mulheres Inspiradoras”, “Consultora em Educação” e “Especialista em Desenvolvimento Humano”. Mas, para além disso, a filha de seu Moisés e de dona Djanira tem um sonho: que toda criança que passe pela escola possa viver uma grande experiência de mudança. Essa mudança, idealizada e impulsionada por Gina, parte de promover a reflexão sobre gênero e combater o preconceito pela literatura. É disso que trata seu premiado projeto “Mulheres Inspiradoras”, criado em Ceilândia e levado para várias escolas. Por meio do projeto, a autora vem rompendo barreiras e transformando a vida de mais de 3 mil estudantes da rede pública do Distrito Federal.

Deixamos as diversas dicas acima para despertar o seu interesse pela leitura de obras escritas por mulheres. Certamente, alguma delas te encantará, pois há obras para sorrir, chorar, refletir e ampliar sua visão sobre o mundo.

⁵ Para saber mais sobre o projeto, visite a página no instagram: @projetopetunia.ifb

⁶ Para mais informações sobre o projeto, visite o site do Ministério da Educação: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/mulheres-inspiradoras>.



CAPÍTULO 6: I DE INTERSEXO

Como comentado no texto inicial deste capítulo, não é apenas a presença do cromossomo Y que irá determinar o sexo masculino. O gene SRY é a sigla para *Sex-determining Region Y gene*, mas sua presença em um cromossomo Y típico nem sempre irá determinar o nascimento de um menino.⁷ Pelo menos 85 genes já conhecidos estão envolvidos no desenvolvimento de caracteres sexuais primários e secundários do organismo.

Variações desses genes, herdadas ou geradas por novas mutações, são responsáveis pela diversidade de estados intersexo. Esses genes estão espalhados em diversos dos 46 cromossomos humanos e não apenas restritos àqueles conhecidos como cromossomos sexuais: X e Y. Um exemplo é o gene CBX2, localizado no cromossomo 17. Mutações nesse gene foram identificadas com o fenótipo tipicamente feminino completo em uma menina que, não obstante, carrega um par de cromossomos XY. Estudos indicaram que as mutações nesse gene afetaram a expressão de um outro, o SRY, impedindo o desenvolvimento de qualquer característica masculina, sem, no entanto, trazer nenhum prejuízo à saúde. Neste caso, o corpo da criança se enquadra totalmente na tipificação feminina tradicional, não tendo havido qualquer dúvida na atribuição do gênero “mulher” já no nascimento, nem qualquer controvérsia clínica ou social em etapas posteriores de sua vida.

Outro caso um pouco distinto é o da Síndrome de Insensibilidade Androgênica Completa (SICA). No período embrionário, a produção de testosterona entre a 8ª e a 18ª semana de gestação será responsável pelo aparecimento dos caracteres considerados tipicamente masculinos. Mas, para que isso aconteça, é necessário que as células do embrião “percebam” a presença do hormônio. Isso ocorre através da ligação da testosterona ao Receptor de Andrógenos (RA) presente nas células. Assim, embora o gene do RA localize-se no cromossomo X humano, sua função é essencial para o desenvolvimento tipicamente masculino.

6.3 Ciência & Intersexualidade

O termo intersexo não se refere a um terceiro sexo. É, na verdade, um guarda-chuva para os mais de 40 diferentes estados intersexo já identificados na espécie humana. Segundo a Associação Brasileira Intersexo (ABRAI), estima-se que cerca de 1% da população mundial apresente alguma dessas variações, o que significa que, provavelmente, ao longo de sua vida, você já encontrou ou conheceu alguma pessoa

⁷Aqui utilizamos, para fins de simplicidade, os termos “menino” e “menina” como significantes para criança cujo corpo se enquadra na anatomia típica esperada para o sexo biológico masculino ou feminino, respectivamente, segundo a normatividade binária tradicional.



CAPÍTULO 6: I DE INTERSEXO

intersexo, ainda que não o saiba. Certamente, trata-se de condições incomuns, mas raridade não é sinônimo de anormalidade.

No entanto, essas pessoas, designadas como “mulheres” no nascimento, não são biologicamente férteis por não produzirem óvulos, apresentarem ausência de útero e tubas uterinas e, em certos casos, por possuírem testículos internos em substituição aos ovários. Muitos desses casos serão identificados apenas na puberdade, quando a pessoa, identificada e socializada como mulher, apresentar ausência de menstruação.

As formas Parcial (SIPA) e Leve (SILA) estão associadas a caracteres sexuais primários (genitais) e secundários “discordantes”⁸ entre si e com o genótipo. Alguns estados intersexo estão associados a problemas de saúde com gravidade variada. Na Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC), a não conformidade genital está associada, nos casos leves, à puberdade precoce e estatura final abaixo da média e, nos casos graves, a crises de insuficiência adrenal que podem levar à morte do recém-nascido, caso não seja ministrado o tratamento adequado. Outros estados, como a Síndrome de Turner e a Síndrome de Klinefelter podem acompanhar deficiências cognitivas.

Nas últimas décadas, pessoas intersexo, em diversas partes do mundo, têm se organizado para problematizar o tratamento médico e social dado a esta questão. Evidentemente, as reivindicações não são contra o tratamento dos quadros em que há risco para a vida ou de sequelas para os indivíduos. A necessária intervenção médica nesses casos é incontroversa. O problema apontado pela comunidade intersexo é que, na maioria dos casos, a intervenção médica se estende a “readequações” genitais que não seriam necessárias ou urgentes para garantir a saúde dessas pessoas.

Ainda que a definição clínica do “verdadeiro” sexo seja realizada por uma equipe interdisciplinar que inclui médicos, geneticistas e endocrinologistas, muitas pessoas com estados intersexo, ao se tornarem adultas, não se sentem identificadas com o sexo/gênero decidido pela equipe médica e para o qual foram cirurgicamente moldadas ainda na infância. Além disso, têm que conviver com sequelas permanentes causadas por cirurgias que eram desnecessárias, como é o caso da modelo belga Hanne Gaby Odiele. Sua readequação cirúrgica, feita na infância, foi realizada sem que o consentimento fosse devidamente solicitado aos seus pais, e ela própria só soube de seu verdadeiro estado quando adulta. Hoje, a luta da comunidade intersexo é pelo reconhecimento de suas existências e pelo direito de decidir quando e a quais procedimentos médicos seus corpos serão submetidos.

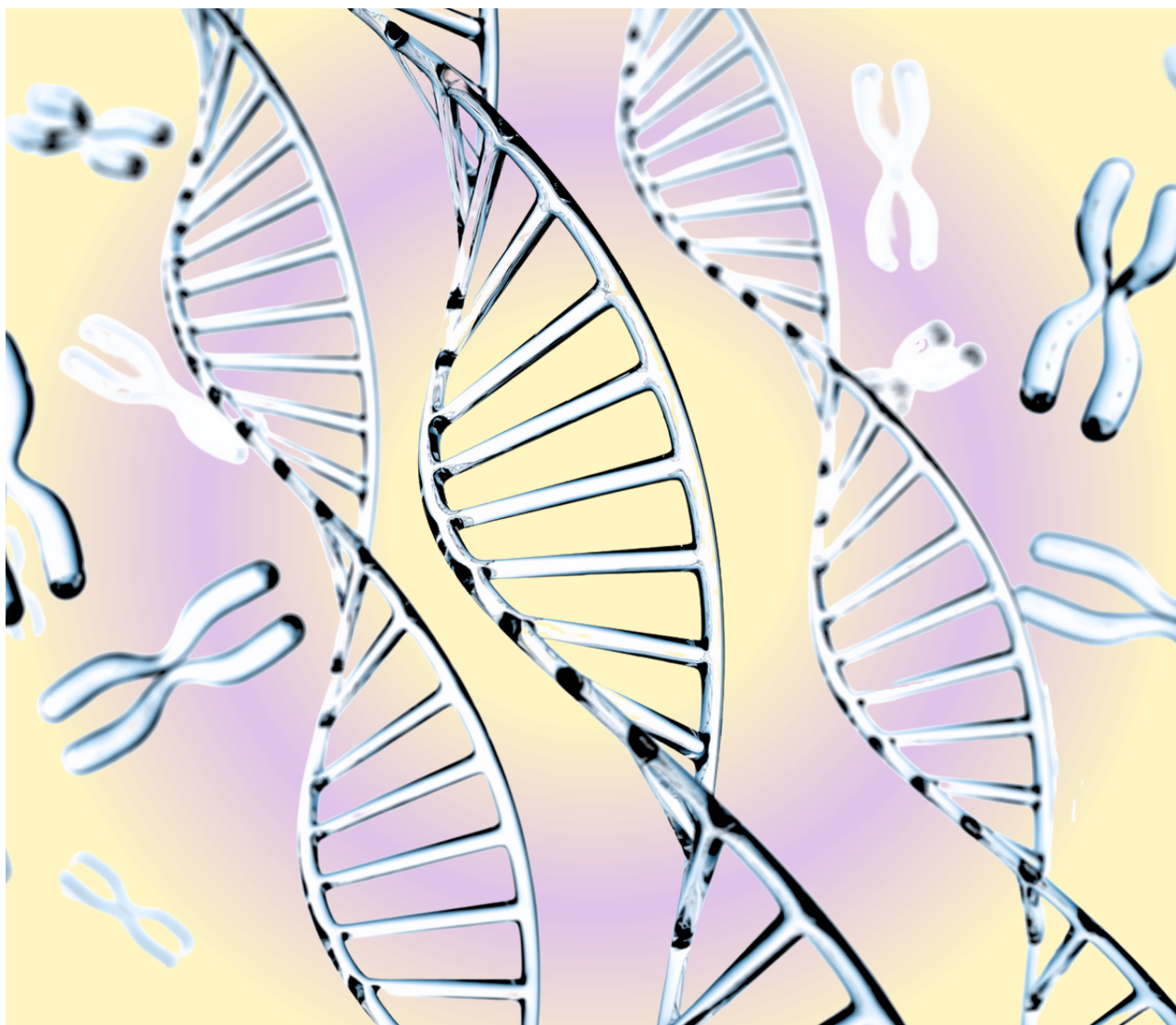
⁸ Como a literatura médica comumente se refere quando não há um alinhamento completo dos caracteres com a tipificação sexual tradicional.



CAPÍTULO 6: I DE INTERSEXO

6.4 NUGEDIS indica

Se você gostou do tema deste capítulo, não perca nossa dica de filme. Em *XXY* (2007), drama hispano-franco-argentino da diretora Lucía Puenzo, a adolescente intersexo Alex lida com a confusão de seus sentimentos e a intolerância social ao se apaixonar por um novo vizinho. O filme retrata com delicadeza os dilemas enfrentados pela personagem e sua família.





ASSEXUAL



CAPÍTULO 7: A DE ASSEXUAL

Amanda Silva, Janailton Silva, Jéssica Lima,
Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto e
Vanessa Carrião

7.1 Definição

Algumas personalidades, segundo reportagem de John Russell (2022), já se autodeclararam como assexuais, como é o caso de Janeane Garofalo, Tim Gunn, Yasmin Benoit, Paula Poundstone, David Jay. Mas você sabe o que é essa orientação sexual? De acordo com o Vittude Blog (2021, n.p.), uma pessoa assexual é aquela que:

[...] experimenta pouca ou nenhuma atração sexual. Mas isso não significa que ela não pratique sexo, beije e abrace em nenhuma circunstância. Ela pode ter atração romântica por outro indivíduo, bem como gostar de toques e ter o desejo de estar em um relacionamento afetivo. Hoje, a assexualidade é compreendida como um amplo espectro que reúne diversos níveis de ausência de atração sexual e romântica. A atração romântica é diferente da atração sexual. A primeira diz respeito ao desejo de ter um relacionamento amoroso e praticar atos românticos, enquanto a segunda está ligada à vontade de ter contato sexual com outra(s) pessoa(s). (Vittude blog, 2021 n.p.).

Ainda existem “muitas dúvidas e mitos acerca da assexualidade e de como indivíduos assexuais se relacionam em nossa sociedade, prejudicando o entendimento e a aceitação dessa orientação sexual”. (Vittude blog, 2021, n.p.). Inclusive, a assexualidade é conhecida como a “orientação invisível”. Algumas orientações sexuais que se encontram sob o espectro da assexualidade são:

- demissexual: pessoa que sente atração sexual somente após desenvolver um vínculo afetivo com outra pessoa;
- assexual estrito: pessoa que não sente atração sexual em nenhum momento;
- assexual fluido: alguém cujos desejos sexuais flutuam ocasionalmente.



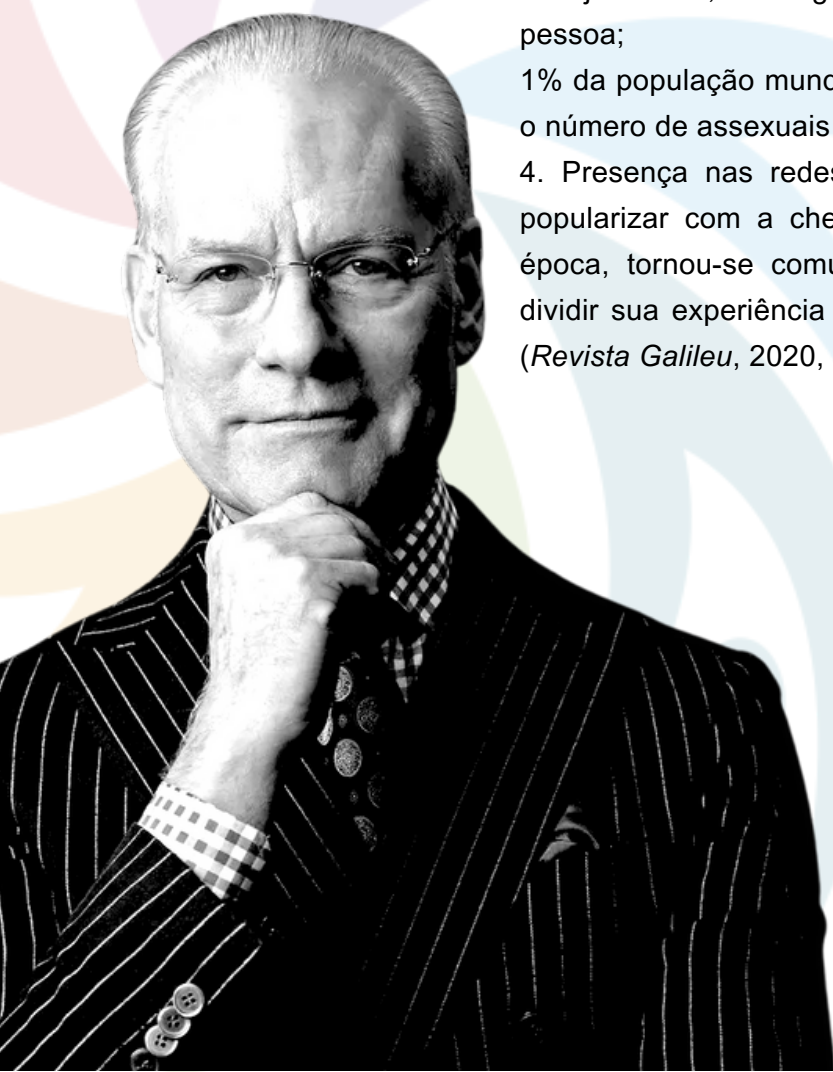
CAPÍTULO 7: A DE ASSEXUAL

O livro *A de Assexual: Entendendo a Assexualidade Humana* foi escrito pela jornalista Cláudia P. Costa (2016). A proposta da autora é explicar, de forma simples, o que é a assexualidade, trazendo relatos e experiências de pessoas assexuais ao redor do mundo.

7.2 Para entender esta orientação sexual

A *Revista Galileu* (2020) destaca 5 pontos para entender essa orientação sexual:

1. Não é um distúrbio, como o distúrbio de desejo sexual hipoativo, mas se trata de uma orientação específica, assim como heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade;
2. Assexualidade romântica: assexuais podem ser heterromânticos, homorromânticos, birromânticos, panromânticos ou aromânticos;
3. Não é um problema fisiológico: só porque alguém não sente desejo sexual, não significa que haja algo errado com o corpo da pessoa;
4. Presença nas redes: o termo “assexualidade” começou a se popularizar com a chegada da internet na década de 1990. Na época, tornou-se comum a troca de e-mails entre quem queria dividir sua experiência sobre a falta de interesse e desejo sexual. (*Revista Galileu*, 2020, n.p.).





CAPÍTULO 8: O SÍMBOLO "+"

Amanda Silva, Janailton Silva, Jéssica Lima, Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto e Vanessa Carrião, Vinicius Mota e Raissa Abreu

8.1 Definição

Segundo Toni Reis, da rede GayLatino e da Aliança Nacional LGBTI (2018), a adição do símbolo "+" (mais) à sigla LGBTQIA tem o intuito de incluir pessoas que se enquadram em outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero antes não representadas pelas demais orientações da comunidade.

O blog Orientando (2016) complementa essa informação e afirma que o "+" (mais) incorpora a sigla, abarcando pessoas "não-cis" que não se declaram "trans" (ou "não-binárias", ou "agênero"), bem como aquelas de outras orientações que não são hétero.

Um exemplo seriam as pessoas "cetero/medisso", consideradas não-binárias, que só sentem atração por outras pessoas não-binárias; pessoas "omni", que demonstram atração por todos os gêneros; e pessoas "abro", cuja atração muda constantemente (uma pessoa "abrossexual" pode se autodeclarar "gay" em alguns momentos, "assexual" em outros ou, ainda, "pansexual"). Sendo assim, observamos múltiplas possibilidades de orientações, tornando-se algo desafiador de incluir na sigla.

8.2 Corpos Suicidados: ressignificando o setembro amarelo

Não estamos aqui para trazer dados e números acerca do suicídio ou discorrer sobre a "valorização da vida". Aliás, de qual vida estaríamos falando? Da minha? Da sua? Da vida da travesti que mora em uma comunidade? Ou estaríamos falando da vida da "bicha preta", nas palavras de Megg Raiara? Trataríamos a temática do suicídio como um fenômeno individual, deixando de lado uma construção social, histórica e cultural.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) traz, em seu livro Suicídio e os Desafios para a Psicologia (2013), a ideia de que não se deve individualizar as questões relativas ao suicídio, pois, assim, reforçamos a associação do suicídio a questões relativas ao adoecimento psíquico individual, enquanto, na realidade, ele é coletivo. Frases comuns de se ler no mês de setembro pelos painéis, quadros e postagens das redes sociais, como: "Não desista, peça ajuda"; "Você é importante"; "Você não está



CAPÍTULO 8: O SÍMBOLO "+"

sozinho”; “Não seja fraco, acredite!” reforça a ideia construída no “VOCÊ”, o eu, base primordial da individualização. Precisamos entender que o suicídio de uma pessoa LGBTQIA+ nunca será individual. Não é a única saída ou a melhor, mas precisamos compreender que o combate ao suicídio é e deve ser contínuo. Ao invés de um “setembro amarelo”, por que não um ano colorido? Ou um setembro de todas as cores? Quais propostas poderíamos formular para prevenir o suicídio de forma eficaz?

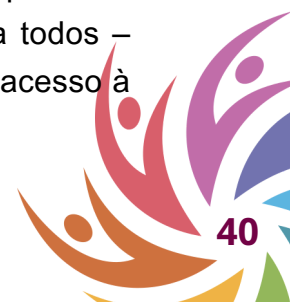
Michel Foucault, filósofo, professor, psicólogo e escritor francês, nos apresenta, em sua obra *Microfísica do Poder* (1989), que o controle social sobre as pessoas começa no controle do corpo, em controlá-lo e discipliná-lo através de pequenos grupos sociais. O corpo seria o que ele viria a chamar de biopolítica e biopoder.

Ao analisarmos os dados de suicídios de pessoas da comunidade LGBTQIA+, percebemos que essas autoagressões podem estar relacionadas com esse controle social sobre corpos que fogem da hetero e da cisnormatividade. O controle de corpos pode estar relacionado ao formato corporal, às cores, aos comportamentos sociais, às decisões tomadas e até mesmo à maneira como as instituições sociais tratam essas pessoas, pois tais controle e disciplina, segundo Foucault, são exercidos pelas escolas, faculdades, hospitais, presídios e instituições religiosas.

O capítulo 5, ao tratar o tema violência contra mulher, não está apenas trazendo dados, e buscando prevenir a violência doméstica ou empoderar as mulheres, mas também está prevenindo o suicídio, seja das mulheres trans, cis, lésbicas, bissexuais, não binárias, drags etc. Conversar em sala de aula, centros comunitários e outros espaços de educação sobre gênero, outras possibilidades de existências, orientações sexuais, como traz a reflexão de Ernesto Nunes Brandão (2020), não é fazer ideologia de gênero, como muitos pregam de maneira mentirosa, é lutar por prevenção de suicídio.

Quando conversamos com crianças e adolescentes sobre corpo, sexualidade, não estamos sexualizando corpos infantojuvenis, estamos ajudando a combater violências, exploração sexual e abuso. Isso também é prevenir o suicídio. Problematizar questões raciais, diferenciando preconceito, discriminação e racismo, discutindo e combatendo o racismo individual, institucional e estrutural, como aponta Renata Silva, é também prevenir o suicídio.

Por fim, e não menos importante, sob efeito do que Brandão (2020) afirma, prevenir o suicídio passa também pela defesa do Sistema Único de Saúde (SUS). Lutar por essa política pública, certos de uma visão de saúde integral e universal, garante a todos – não somente ao homem, branco, hetero, cis e rico –, a todas, todes e todos o acesso à saúde.







NUGEDIS

CAPÍTULO 9: À GUISA DE CONCLUSÃO

André Barbosa, Caio Polito, Janailton Silva, Jéssica Lima, Juliana Parente, Kelly Santos, Letícia Couto, Micheli Gonçalves e Vanessa Carrião

9.1 Comemorações do 1º aniversário do NUGEDIS - IFB Ceilândia

Caras/os leitoras/es, estamos chegando ao fim de nosso livreto. Esperamos que tenham mergulhado nos capítulos anteriores e aprendido um pouco mais sobre cada um dos elementos da sigla LGBTQIA+. Aqui, no capítulo 9, à guisa de conclusão, tecemos considerações finais, celebrando o aniversário do NUGEDIS, apresentando campanhas de conscientização para o combate ao câncer de mama e próstata, projetos da temática de gênero, filmes, uma introdução à linguagem inclusiva, entre outras contribuições.

O ano de 2022 marcou o início do processo de institucionalização dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) e dos Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) no âmbito do IFB. Os núcleos com as temáticas étnico-raciais e de gênero e diversidade sexual começaram a ser constituídos pelos campi ainda em 2016.

Em janeiro de 2022, esses núcleos acenaram à Reitoria sobre a necessidade de institucionalização dos NEABI e NUGEDIS. Ao longo de 2022, uma comissão, composta por servidores de diversos campi, trabalharam em conjunto na construção de regulamentos para os núcleos. Como parte dos resultados desses trabalhos, em 20 de novembro de 2023, o NUGEDIS e o NEABI foram oficialmente institucionalizados pelo IFB.

Vale registrar também que, a partir de 2022, a Coordenação de Políticas Inclusivas da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREX/IFB), que antes abrigava as ações do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), passou a se dedicar, exclusivamente, às temáticas étnico-raciais e de gênero. Agora, os NAPNEs contam com uma coordenação própria para tratar da inclusão das pessoas com deficiência.

Em relação ao *campus* Ceilândia, a primeira portaria de criação do NUGEDIS/CCEI é de maio de 2018. As ações do núcleo passaram por um período de pausa e a retomada das atividades ocorreu em julho de 2021, celebrando seu aniversário de 1



CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO

ano em julho de 2022 após a recomposição. Atualmente, encaminha-se para seu terceiro ano em 2024.

9.2 O NUGEDIS descobriu

O mundo inteiro comemora, no mês de junho, o Orgulho LGBTQIA+, período marcado por diversos eventos e paradas. Essa história começou no dia 28 de julho de 1969, em Nova York, data em que a comunidade LGBTQIA+ sofreu uma abordagem violenta no bar Stonewall Inn, e deu origem à Revolução Stonewall, resultando na organização da primeira Marcha do Orgulho Gay. (Cultura UOL, 2022).

Inspirado nessa história de luta, o NUGEDIS do IFB Campus Ceilândia entendeu que também era momento de comemoração. Dessa forma, o mês de junho de 2022 foi marcado por algumas intervenções. Uma delas foi a investigação relacionada à experiência de amar como uma aventura existencial, em que se buscou entender se o amor estava relacionado com o medo, tanto na ação de amar alguém, quanto na exposição desse amor em público.

Das 50 respostas obtidas, 64% eram de estudantes do Ensino Médio Integrado, 30% do curso de Licenciatura e 6% dos Cursos Técnicos Subsequentes. Em relação ao gênero, 48% se consideram do gênero feminino, 46% do gênero masculino, 4% gênero fluido e 1% não-binário. Sobre a orientação sexual, a maioria se considerou heterossexual (42%), enquanto 30% dos participantes se identificam como bissexuais, 12% homossexuais, 12% pansexuais e 4% não souberam responder.

Amar te dá medo? Essa foi a primeira pergunta central, a qual 46% dos participantes responderam que sim. O dado é bem expressivo, considerando que o amor está presente no nosso vocabulário e no nosso cotidiano desde quando chegamos a esse mundo, no entanto, como afirma Nogueira (2020), o ato de amar alguém o amedronta, uma vez que, em sua casa, há maneiras de amar não aceitas. As justificativas giraram em torno de palavras relacionadas à repressão, decepção, silenciamento, não aceitação, desconforto e insegurança.

Essas palavras nos fazem entender que não podemos deixar que o medo paralise nossas ações, em todos os aspectos, como nos disseram Freire e Shor (2010), mas, sim, devemos lutar para que o amor seja um ato político e que todas as expressões e formas de amor sejam consideradas justas e aceitas em nossa sociedade.



CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO

Por fim, as/os estudantes solicitaram que fossem intensificadas ações para a comunidade LGBTQIA+ do campus, como: promover palestras e rodas de conversas com os temas de orientação sexual, identidade de gênero, entre outros e, dentro do possível, criar um espaço de conforto e de segurança para alunos e/ou servidores dentro da comunidade LGBTQIA+, além de continuar incentivando a igualdade e o compartilhamento das vitórias da mesma na sociedade.

9.3 Dia da Consciência Negra

Como o NUGEDIS também trabalha em parceria com outros núcleos, a exemplo do NEABI, no dia 20 de novembro, celebra-se, no calendário brasileiro, o Dia da Consciência Negra. A data escolhida relembra a morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares, que se tornou um grande símbolo de resistência na luta do movimento negro. Como Zumbi, são muitas as pessoas que continuam batalhando por um Brasil antirracista. Sueli Carneiro, relevante pesquisadora e ativista, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB) em 21 de setembro de 2022. Na cerimônia, a doutora afirmou: “Me alegra o fato desse reconhecimento me dado hoje vir precedido de outros gestos de grande impacto ou simbolismo que a UnB vem dirigindo à comunidade negra, já que foi a primeira federal a reservar vagas para estudantes negros.” (Lustosa, 2022, n.p.).

Junto a essa reflexão, adicionamos as contribuições de Bia Ferreira sobre “Cota não é esmola”. “Existe muita coisa que não te disseram na escola: cota não é esmola”. (Ferreira, 2019, n.p.), assim começa a música-protesto de Bia Ferreira, cantora, compositora e multi-instrumentista brasileira. Bia é mulher, preta e lésbica, um retrato da interseccionalidade. Bia é uma ativista, entende a arte como ferramenta política e suas canções falam sobre feminismo, antirracismo e LGBTfobia. Ela define seu estilo musical como Música de Mulher Preta (MMP). Naquele mês de novembro de 2019, em que se celebrava o Dia da Consciência Negra, Bia deixou um recado: “Chega junto, e venha cá você também pode lutar e aprender a respeitar Porque o povo preto veio para revolucionar.” (Ferreira, 2019, n.p.).



CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO

9.4 Dicas de como usar a linguagem Inclusiva

O debate sobre a linguagem Inclusiva, especialmente em emergência às novas formas de autoenquadramento identitário em relação ao gênero e à sexualidade, tem ocupado lugar de destaque na atualidade. Nesse sentido, a Home Box Office (HBO) lançou, em 2020, o “Guia de Linguagem Inclusiva (TodXs nós)”, sugerindo algumas maneiras de colocar em prática essa forma de variação linguística:

1. Inclusão do gênero não-binário na língua portuguesa – Hoje, no nosso idioma, usamos o masculino quando falamos de forma generalista. A proposta é passar a usar o som da letra “e” no lugar dos artigos “o” ou “a”. Por exemplo, em vez de todos, todes. Há pouco tempo, o “x” ou o “@” eram usados no lugar do “e” (a grafia ficava “todxs” e tod@s”), mas considera-se atualmente que a utilização do “e” é mais inclusiva, pois leva em consideração as pessoas que têm deficiências visuais, já que alguns leitores ortográficos desconsideram palavras com “x” ou “@”.
2. Conjunto do gênero humano ou uso do termo homem – Por muito tempo, a palavra “homem” foi usada para definir a raça humana. No entanto, termos como “humanidade”, “pessoa” e “seres humanos” são mais inclusivos.
3. Uso da palavra pessoa – A linguagem oral e escrita deve colocar a tônica na pessoa. Por exemplo, em vez de dizer “as lésbicas”, “os gays”, “os bissexuais”, “os transgêneros”, “os intersexos”, diga “pessoas lésbicas”, “gays”, “bissexuais”, “transgênero” e “intersexuais” ou “pessoas LGBTQIA+”.
4. Nome de profissões – Uma noção binária de gênero e generalizações no masculino também aparecem quando vamos denominar profissões. É mais inclusivo usar termos como “corpo docente”, “classe política” e “pessoal da enfermagem” em vez de “os professores”, “os políticos” e “as enfermeiras”. (HBO, 2020, n.p.).



CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO

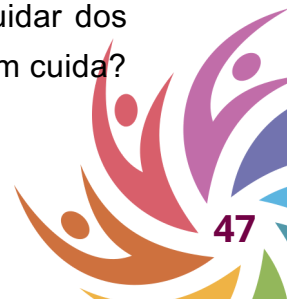
9.5 Outubro Rosa

No mês de outubro, é bastante comum observar monumentos históricos ou prédios de órgãos públicos iluminados com a cor rosa. Mas, por que isso acontece? O laço rosa é usado mundialmente para simbolizar a luta contra o câncer de mama, e o mês de outubro – que ficou conhecido como Outubro Rosa – foi o mês escolhido para alertar a sociedade sobre essa importante questão. O câncer de mama é o câncer que mais mata mulheres em todo o mundo. No Brasil, não é diferente: é a primeira causa de morte por câncer em mulheres. A incidência e a mortalidade por câncer de mama tendem a crescer progressivamente a partir dos 40 anos.

Se diagnosticada precocemente, trata-se de uma doença com grandes chances de cura. Mesmo nos casos mais avançados, com a evolução da ciência e da tecnologia, pesquisadores/as têm desenvolvido constantemente novas medicações que aumentam não só o tempo, mas também a qualidade de vida das mulheres diagnosticadas.

É fundamental que as mulheres incluam o autocuidado nas suas rotinas, realizando os exames preventivos anualmente, fazendo atividade física regularmente, cuidando da alimentação e buscando informações confiáveis para que os tabus sejam quebrados. Muitas pessoas seguem acreditando em mitos do tipo: “se ela teve câncer é porque engolia as emoções” ou “eu não tenho histórico da doença na família e não sinto nada, então não preciso de mamografia.” Sobre os exames preventivos: antes dos 40 anos o ultrassom das mamas é o mais indicado. A partir dos 40 deve-se fazer a mamografia anualmente. Independentemente da idade, todas as mulheres devem conhecer seu corpo, fazer o autoexame e procurar ajuda médica se notarem qualquer alteração.

Em relação ao câncer de mama, as palavras-chave são PREVENÇÃO e INFORMAÇÃO. O medo do diagnóstico e a desinformação são os inimigos que devemos combater (Shimada; Sahade, 2021, n.p.). Você, mulher, já fez seus exames de rotina este ano? E você, que não é mulher, está cuidando da sua esposa, da sua mãe, da sua avó, da sua tia, da sua filha? Converse com elas, demonstre que as apoia. Muitas mulheres atrasam seus exames por não contarem com uma rede de apoio dentro de casa e pelo acúmulo de tarefas – trabalhar fora, estudar, cuidar dos filhos, cuidar da casa, cuidar das pessoas mais velhas... e quem cuida de quem cuida?



CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO

9.6 Novembro Azul

Em 17 de novembro, é comemorado o Dia Mundial de Combate ao Câncer de Próstata. O dia, que começou com uma campanha entre dois amigos em 2003 em Melbourne (Austrália), passou a ser comemorado no Brasil em 2008. Por meio da campanha do Novembro Azul, busca-se alertar e conscientizar os homens a respeito da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de próstata.

O mês merece mais do que um mero destaque: o câncer de próstata é o segundo mais comum entre os homens no Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA). Em 2022, foram detectados 71.730 novos casos da doença e, no ano que iniciou a pandemia, 15.841 mortes. Além disso, a campanha é importante porque, segundo afirma Carlos Antônio da Silva, coordenador da Política e Atenção à Saúde do Homem no Departamento de Atenção Primária e Políticas de Saúde da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS),

[...] historicamente, os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres e conseqüentemente fazem menos exames de prevenção e promoção em saúde. A maioria dos homens se encontra afastada da saúde preventiva, porém bastante presente nas urgências e emergência hospitalares, com comorbidades em grau avançado, que, se tratadas no início, não produziriam sequelas ou teriam seus efeitos atenuados. (Secretaria de Saúde do RS, 2021, n.p.).

De acordo com o Ministério da Saúde, o câncer de próstata pode não apresentar sintomas inicialmente. Contudo, caso haja manifestação da doença, os seguintes sintomas podem ser observados: dificuldade de urinar; demora em começar e terminar de urinar; sangue na urina; diminuição do jato de urina; necessidade de urinar mais vezes durante o dia ou à noite.

O diagnóstico da doença pode ser feito por meio do exame do toque retal e do exame de sangue denominado Antígeno Prostático Específico (PSA). É recomendado pela Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) que essa avaliação individualizada seja feita nos pacientes a partir dos 50 anos, e aos 45 anos em pessoas negras ou com histórico familiar da doença. (ANS, 2022; SES/RS, 2021, n.p.).



CAPÍTULO 9: À GUIA DE CONCLUSÃO

Infelizmente, o exame retal ainda é visto como tabu por muitos homens. O médico urologista João Brunhara (2021, n.p.) informa que muitos pacientes acreditam que o exame violaria sua masculinidade, e acrescenta: “Pensando friamente, é inacreditável que tenha gente atribuindo uma conotação sexual a um exame médico, feito com luva e ambiente asséptico, para uma breve inspeção dessa glândula.” (2021, n.p.). Ademais, o doutor adiciona que hemorroidas podem também ser detectadas pelo exame e que a colonoscopia pode ser bem mais invasiva ao organismo.

Então, é sempre tempo de se cuidar. Deixando o tabu de lado, sua vida, leitor, pode ser salva. Previna-se, porque cuidar da saúde também é coisa de homem!





REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Novembro Azul alerta sobre os cuidados com a saúde masculina**. Brasil: ANS, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/sobre-ans/novembro-azul-alerta-sobre-os-cuidados-com-a-saude-masculina>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BENEVIDES, B. G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília: Distrito Drag; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2023. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/dossie_antra-2023.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

BRANDÃO, E. N. CRP 01/DF ENTREVISTA: ERNESTO NUNES BRANDÃO [Entrevista cedida ao] **Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal**. CRP DF, Brasília, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.crp-01.org.br/notices/8721>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BRASIL, Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 08 ago. 2006. Seção 1, p.1.

BRUNHARA, J. Por que o exame da próstata ainda é um tabu? **Veja Saúde**, São Paulo, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/por-que-o-exame-de-prostata-ainda-e-um-tabu/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, 2013.

COSTA, C. P. **Assexual: entendendo a assexualidade humana**. São Paulo: Edição do Autor, 2016.

CULTURA UOL. **Por que junho é o mês do orgulho LGBTQIA+?** Conheça a história. Uol, São Paulo, 10 jun. 2022. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/49749_por-que-junho-e-o-mes-do-orgulho-lgbtqia-conheca-a-historia.html. Acesso em: 14 jul. 2022.

FERREIRA, B. Cota não é esmola. *In*: IGREJA LESBITERIANA. **Um Chamado**. [S.l.]: Colmeia 22, 2019. Faixa 4. Digital.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010.

FRIDA. Direção: Julie Taymor. Roteiro: Gregory Nava. Canadá, México, EUA, [s.n.], 2002. 1 DVD (123 min.), color.

GLAAD. **Glossary of Terms: LGBTQ**. New York: GLAAD (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation), 2023. Disponível em: <https://www.glaad.org/reference/terms>. Acesso em: 18 abr. 2023.

GUSTAVO, P. 'Rir é um ato de resistência': homenagem a Paulo Gustavo destaca sua trajetória. [Entrevista cedida a] Nathallia Fonseca. **CNN Brasil**, São Paulo, 05 maio 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/rir-e-um-ato-de-resistencia-homenagem-a-paulo-gustavo-destaca-sua-trajetoria/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

HBO. **Guia Todxs Nós**. Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, jun. 2020. Disponível em: <http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/2020/06/Manual-Todxs-vfinal.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

HOOKER, J.; LINIKER. Flutua. *In*: CORAÇÃO. [S.l.] [s.n.], 2017. Faixa 6. Digital.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Resolução 35/2023**. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/33357/RESOLU%C3%87%C3%83O%2035-2023%20-%20CS-RIFB-IFBRASILIA.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Edital 3/2023 PRPI/RIFB/IFBRASÍLIA**. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/33858/Edital%20PRPI%2003-2023%20%20Apoio%20a%20Publica%C3%A7%C3%A3o%20de%20Livretos%202023.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.



JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília: Editora do Autor, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 18 abr. 2023.

LAERTE-SE. Direção: Lygia Barbosa e Eliane Brum. Roteiro: Eliane Brum, Lygia Barbosa e Raphael Scire. Brasil, [s.n.], 2007. 1 vídeo (100 min.), color. Netflix.

LORCA, F. G. **Pranto para Ignacio Sánchez Mejías**. Trad. João José de Melo Franco. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2009.

LUSTOSA, D. Sueli Carneiro é a primeira mulher negra doutora honoris causa pela UnB. **NOTÍCIAS UNB**, Brasília, 22 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.unb.br/39-homenagem/6044-sueli-carneiro-e-a-primeira-mulher-negra-doutora-honoris-causa-pela-unb>. Acesso em: 18 abr. 2023.

NOGUEIRA, R. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

OLÉRIA, E. Desenho de Giz. In: SILVEIRA, Daniel; PIERRE, Max; VIDAL, Marcelo. **Um barzinho, um violão** - Novelas Anos 80. Rio de Janeiro: Universal Music, 2013. Faixa 5. CD.

OLÉRIA, E. Ellen Oléria defende diversidade e detona governo. Declaradamente racista [Entrevista cedida a] Naian Lucas. **NaTelinha (UOL)**, São Paulo, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2020/06/28/ellen-oleria-defende-diversidade-e-detona-governo-declaradamente-racista-147077.php>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ORIENTANDO. O que significa LGBTQIAPN+? [S.l.], **Blog Orientando**, 19 maio 2016. Disponível em: <https://orientando.org/?s=O+que+significa+LGBTQIAPN%2B%3F> Acesso em: 25 abr. 2023.

QUEER. In: **American Heritage® Dictionary of the English Language**, Fifth Edition. New York: Dell Publishing Company, 2012. Disponível em: <https://www.thefreedictionary.com/queer> Acesso em: 25 abr. 2023.

REIS, T. (org.). Manual de Comunicação LGBTI. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

REVISTA GALILEU. O que é assexualidade? 5 pontos para entender esta orientação sexual. **Galileu**, São Paulo, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2020/03/o-que-e-assexualidade-5-pontos-para-entender-esta-orientacao-sexual.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.



RUSSELL, J. Five people who are putting a face to asexuality. **LGBTQ Nation**, San Francisco, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.lgbtqnation.com/2022/10/five-people-putting-face-asexuality/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SATURNO, A. Alan Turing, criador da teoria da computação, faria 106 anos neste sábado (23). **CANALTECH**, São Paulo, 23 jun. 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/inovacao/alan-turing-criador-da-teoria-da-computacao-faria-106-anos-neste-sabado-23-116550/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SECRETARIA DA SAÚDE/RIO GRANDE DO SUL. Chegou o Novembro Azul, mês para alertar os homens sobre a importância da retomada dos cuidados com a saúde. **Secretaria da Saúde/RS**, Porto Alegre, 04 nov. 2021. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/chegou-o-novembro-azul-mes-para-alertar-os-homens-sobre-a-importancia-da-retomada-dos-cuidados-com-a-saude>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SHIMADA, A.; SAHADE, M. Câncer de mama: o autocuidado é agora...e sempre! **Veja Saúde**, São Paulo, 11 out. 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/cancer-de-mama-o-autocuidado-e-agora-e-sempre/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SUMPTER, S.; UDIS-RESSLER, A. **Bisexuality**: myths and realities. Cleveland: CSUOhio.edu, 2022. Disponível em: <https://www.csuohio.edu/sites/default/files/bisexuality.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.

VITTUDE BLOG. Sou uma pessoa assexual? Entenda o significado disso! **Vittude**, [S. l.], 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/sou-uma-pessoa-assexual-o-que-e/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

XXY. Direção: Lucía Puenzo. Roteiro: Lucía Puenzo. Espanha, França, Argentina, [s.n.], 2007. 1 DVD (91 min.), color.



MINIBIOGRAFIAS DAS AUTORAS E DOS AUTORES

ORGANIZADORES

Caio Marcello Mota Polito: é professor de Física do IFB - *Campus Ceilândia*, Doutor em Teoria Quântica de Campos e Partículas pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF-RJ), Mestre em Teoria de Campos pela UnB e Bacharel em Física pela UnB. Tem experiência de pesquisa e preferência de atuação nas seguintes temáticas: Física de Partículas, Ensino de Física, História e Filosofia da Ciência.



Janailton Mick Vitor da Silva: é professor de inglês no IFB - *Campus Ceilândia*, Doutorando em Estudos Linguísticos na UFMG, Mestre em Estudos da Tradução pela UnB e Licenciado em Letras-Língua Inglesa pela UFCG.

Leticia Coroa do Couto: é professora no IFB - *Campus Ceilândia*, Mestra em Linguística Aplicada, possui graduação em Letras Português/Espanhol e em Comunicação, além de especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira.





MINIBIOGRAFIAS DAS AUTORAS E DOS AUTORES



Amanda Luzia da Silva

Professora do curso de Letras Espanhol no IFB - *Campus* Ceilândia, Doutoranda em Teoria Literária na Unicamp, Mestra em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana pela USP e Licenciada em Letras pela UFSCar e USP.



André L. S. Barbosa

Técnico Administrativo em Educação, Assistente em Administração, formado em Tecnologia em Gestão Financeira e pós-graduando em Direito Administrativo. Atualmente se encontra em exercício na Coordenação de Aquisições e Contratos do IFB - *Campus* Ceilândia.



Gustavo Luiz Sandri

Professor de Engenharia no IFB - *Campus* Ceilândia. Possui doutorado em Processamento de Sinais pela UnB, Master Recherche em Traitement de Signal et Image pela Université Bordeaux I e Graduação em Engenharia Elétrica pela UnB e em Engenharia Eletrônica pela ENSEIRB-MATMECA.



Jéssica Lima

Docente em Segurança do Trabalho no IFB - *Campus* Ceilândia, Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFB, Engenheira Química pela UFBA e especialista em Segurança do Trabalho pela UFBA.



Juliana Parente Matias

Professora do Curso de Letras Espanhol no IFB - *Campus* Ceilândia, Mestra em Educação pelo Instituto Politécnico de Santarém, Portugal, Licenciada em Pedagogia pela UFC.



Kelly de Oliveira Santos

Professora de Química no IFB - *Campus* Ceilândia, Doutora em Química pela UFSC, Mestra em Química pela USP e Bacharel em Química pela UnB.



MINIBIOGRAFIAS DAS AUTORAS E DOS AUTORES



Micheli S. N. Gonçalves

Professora no curso de Licenciatura em Letras Espanhol no IFB - *campus* Ceilândia, Doutora em Educação pela UnB, Mestra em Educação e Licenciada em Pedagogia pela UFPA. Têm experiência em pesquisas e ações na área da Formação de Professores, com ênfase nas seguintes temáticas: Gênero, História da Educação e Pedagogia Latino-americana.



Patrícia S. S. Melo

Professora de inglês no IFB - Campus Ceilândia. Mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária pelo Instituto Politécnico de Santarém e graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade da Terra de Brasília.



Raissa Abreu

Estudante do 7º semestre de Psicologia pelo CEUB e atua como estagiária na Clínica Popular Viva. Vem desempenhando um trabalho incrível na construção da sua carreira na defesa e promoção das pessoas LGBTQIA+.



Vanessa Carrião

Assistente social no IFB - *Campus* Ceilândia, mestranda em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB e Especialista em Gênero e Sexualidade pela UERJ.



Vinicius Mota

Psicólogo Escolar da Secretaria de Educação do DF, atua como Psicólogo Clínico para Ações Afirmativas de Gênero e Sexualidade na Clínica Popular Viva, é mestrando em Políticas Públicas, Infância e Juventude pela UnB e membro da Comissão LGBT do CRP-DF.





MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



INSTITUTO FEDERAL
Brasília

ISBN: 978-65-6074-010-5

BR



9 786560 740105